



O FILME *CLOSE* E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES TÓXICAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Eixo Temático 23 – MASCULINIDADES E FEMINILIDADES: TENSIONAMENTOS E POSSIBILIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR

Thatiane Oliveira do Nascimento¹
Anderson Ferrari²

RESUMO

Somos sujeitos históricos e, diante disso, precisamos pensar nos modos de subjetivação que atravessam gerações e se materializam nos dias atuais. O presente texto tem como objetivo problematizar a construção das masculinidades tóxicas e as barreiras que elas impõem à amizade entre meninos. Ancorados nas perspectivas pós-estruturalistas de inspiração foucaultiana, por meio da metodologia da etnografia de tela, analisamos uma cena do filme *Close*, que tem como enredo central a amizade construída, desde a infância, entre Léo e Rémi. O biopoder subjetivante e o poder disciplinar são pensados no texto como dispositivos que constroem as masculinidades tóxicas de acordo com o contexto sociocultural em que os sujeitos estão inseridos.

Palavras-chave: Masculinidades tóxicas; Amizade, Espaço Escolar, Etnografia de tela, Filme close.

INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG, thatiane1nascimento@gmail.com;

² Professor orientador e coautor: Doutor, pela Universidade Estadual de Campina - Unicamp - SP, anderson.ferrari@ufjf.br.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O filme belga lançado em 2022, que teve indicação para o Oscar em 2023, na categoria de melhor longa-metragem internacional, tem como enredo central a amizade que foi construída desde a infância entre Léo e Rémi, que na trama aparentam ter entre 11 e 13 anos. As cenas que apresentam essa amizade são repletas de afeição. Léo costuma frequentar a rotina da casa, como fazer refeições junto de Rémi e seus pais. Na hora das refeições, eles compartilham risos e brincadeiras. Em uma das cenas, a mãe de Rémi se expressa dizendo que Léo é o filho adotivo, tamanha era a convivência dos dois meninos. As cenas iniciais do filme nos conduzem à cumplicidade fraterna e juvenil entre dois meninos, mas isso só existe em função das intencionalidades do diretor e nas suas escolhas técnicas. “Isso tem a ver com a premissa de que o cinema não é apenas a escritura do movimento, mas a escritura do gesto (Larrosa, 2006), a partir da conversão do olhar”. (Marcello & Fisher, 2011, p. 509). Percebe-se que Leo tem o hábito de, além de fazer as refeições na casa do amigo, dormir com ele em seu quarto, na mesma cama e com os corpos próximos. Toda essa dinâmica é encarada por ambas as famílias, como natural, em nenhum momento os meninos são questionados pelos familiares por estarem próximos demais. Antes, percebe-se uma aprovação e reforço para que esse vínculo permaneça.

Entretanto, ao mudarem de escola, a amizade começa a ser questionada pelos/as novos/as colegas, e foi por esse contexto escolhido pelo filme para problematizar as masculinidades tóxicas e seus limites para a amizade entre meninos no ambiente escolar, através das perspectivas pós-estruturalistas de inspiração foucaultiana. Dizer que estamos assumindo essa perspectiva como ferramenta de análise significa que estamos considerando que os sujeitos são construídos pelos discursos, atravessados por relações de saber-poder. No filme é esse processo que nos interessa, ou seja, como os discursos produzem sujeitos, tanto os colegas da escola que questionam a amizade e a intimidade entre dois meninos, quanto Rémi e Léo, que se encontram com esses discursos e são afetados por eles. Para tanto, a metodologia de etnografia de tela discutida por Patrícia A. Balestrin e Rosângela Soares (2012) norteará a apresentação e análise da cena escolhida, com a intencionalidade de responder à seguinte pergunta: como as masculinidades tóxicas podem se materializar no espaço escolar?



AS MASCULINIDADES TÓXICAS ACIONAM OS LIMITES DA AMIZADE ENTRE MENINOS

É o universo da escola e seu diálogo com outros espaços que é o foco do filme. Assim, a passagem do tempo vai ocorrendo na medida em que as cenas vão se desenvolvendo, retratando os diferentes momentos de encontro e desencontro entre os alunos e alunas. Em uma cena em que estão sentados em um espaço que pode ser o refeitório, os dois meninos são questionados sobre o relacionamento que os une. “É... Eu posso fazer uma pergunta?”, expressa uma menina enquanto a câmera foca em seu rosto. “Vocês dois são um casal?”. Nesse momento, o rosto assustado de Léo aparece, seguido de um “Não”. Ele olha para o lado e sorri entre os lábios. “Por que que cê tá rindo?” “Por que ele tá rindo?”, as meninas questionam. “Ah, sei lá, só falei que não”. Rémi e Léo estão sentados em uma mesa com mais três meninas. “Não... É que eu tava curiosa, porque parece que vocês são muito mais que melhores amigos, é isso, não é nada demais.” Ao falar, ela olha para a colega do lado e sorri. “Por que a gente tá rindo?!”, elas perguntam entre si. “Sei lá”, responde uma delas. Léo olha para Rémi, que está do seu lado, e volta olhando para as meninas, agora seu sorriso não está mais em seu rosto, antes se percebe uma tensão. “Por que cê perguntou?”, indaga Léo. “Porque dá pra notar”. “O quê que dá pra notar?, eu não entendi”. “Ah, cês são um casal.” “Tá, é verdade, a gente dá a mão, a gente faz carinho. Não! É como se eu dissesse que vocês duas são namoradas porque vocês fazem coisas de meninas”. A que fez a pergunta para Léo e Rémi abraça a que está do lado com ironia e sorrindo expressa: “Ahh, minha namorada, que gatinha!” “Ahh, é diferente”, responde a que foi abraçada. E segue descrevendo o comportamento dos dois durante a aula. “É... Vocês sentam assim pertinho, colocam a cabeça no ombro um do outro.” Ela reproduz a cena com o corpo enquanto narra. A descrição do comportamento de Léo e Rémi pelas meninas nos ajuda a pensar em categorias que atravessam os processos de subjetivação, e que, por conseguinte, constituem os sujeitos. A primeira delas é a Amizade, que é pensada como um modo de vida.

[...] A amizade foucaultiana utiliza-se da filosofia como um exercício de si no pensamento para constituir-se como um modo de vida e de relações que escapa constante dos processos de institucionalização e



restrição do tecido relacional impostos pelo biopoder subjetivante (Cardoso Júnior; Naldinho, 2009, p.53).

A segunda é o biopoder subjetivante, que interfere nas relações e funciona como modo regulador dos sujeitos e os constitui. As indagações do grupo de meninas remetem ao processo de subjetivação não apenas dos meninos, mas delas também. No momento em que apontam os comportamentos que são aceitos para elas enquanto meninas, ao encenarem os meninos se abraçando. Percebemos que suas subjetividades e a forma como a amizade entre meninas foi construída estão atravessadas pelo biopoder subjetivante que regula e diz o que é permitido de acordo com o gênero. A cena segue com Léo explicando: “Isso é normal, porque nós somos melhores amigos”, rebate Léo. “É, são melhores amigos.” “Tá bom, a gente só fez uma pergunta.” Uma delas continua, enquanto a câmera foca em Léo. “Eu acho que eles são mais que melhores amigos”. “É?!” “Só que mais que do que mais”. Elas seguem dialogando discordando da resposta de Léo, que segue dizendo: “Nós somos mais que melhores amigos, somos quase irmãos, isso desde criança”. “Mais do que coisa de irmãos.” diz uma delas, aparentando discordar entre si, quando a outra responde: “É que eles se conhecem há muito tempo”. “E talvez não tenham se assumido.” “Escuta, será que dá pra gente mudar de assunto, por favor?”, indaga Léo de forma incisiva. “Não, a gente não é um casal”, continua ele. “Certeza?”. “Certeza absoluta!”, rebate novamente Léo. “É uma discussão que não vale a pena. A gente só fez uma pergunta.” Uma delas continua: “e, se um dia eles forem um casal e quiserem contar, eles contam.” Nesse momento é possível ver o rosto de Léo ruborizado, enquanto morde os lábios, que denota um desconforto diante da conversa.

A amizade que até o momento não tinha sido questionada no enredo familiar foi alvo dos primeiros questionamentos. O comportamento de Rémi e Léo durante a aula não passou despercebido. Os gestos de carinho que antes estavam apenas no contexto familiar provocaram questionamentos nos que estavam em volta. A sexualidade foi posta como homossexual, pois não era admitido que dois meninos estivessem tão próximos.

Nessa perspectiva, Michel Foucault (1981, p. 4) nos faz pensar nos modos de amizades aceitos para homens e para mulheres. “[...] uma mulher penteia outra mulher, ela a ajuda a se maquiar e a se vestir. As mulheres tinham direito ao corpo de outras



mulheres, segurar pela cintura, abraçar-se”. O autor se refere a constatações ocorridas na década de 80, diferente das mulheres aos homens só foi permitida a amizade dentro do contexto das guerras “é somente em certos períodos e a partir do séc. XIX que a vida entre homens foi, não somente tolerada, mas rigorosamente obrigatória: simplesmente durante as guerras” (Foucault, 1981, p. 4). As proibições que denotavam os comportamentos aceitos para os gêneros se desdobravam em permissões também quando pensadas nas relações entre pares. Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro (2015) descrevem que “Existe um saber que organiza nossos comportamentos e, consequentemente, nossa classificação entre o que é esperado, permitido, valorizado e normal [...]” (Ferrari; Castro, 2015, p. 59). A amizade entre os dois protagonistas está fora do considerado normal. O discurso da heterossexualidade constrói a homossexualidade. Desse modo, a amizade entre meninos se torna homossexualidade devido ao enquadramento dos gêneros e das relações permitidas no interior do gênero masculino.

A proximidade entre os dois só era compreendida diante da relação amorosa de um casal. A norma de gênero descrita por Judith Butler (2023) estabelecida nesse contexto escolar preconiza que meninos não poderiam demonstrar afetos, ou expressar a amizade através da proximidade dos corpos, o contrário disso geraria um enquadramento em uma relação entendida como homossexual. “[...] é por meio da normalização e compartimentalização das relações que o biopoder restringe e captura os processos de subjetivação” (Cardoso Jr; Naldinho, 2009, p. 53). Quando pensamos no poder disciplinar atuando no contexto familiar, a sua existência não limita que os meninos se toquem ou vivam de forma carinhosa um com o outro. Entendemos que o biopoder subjetivante e o poder disciplinar agem de forma produtiva e concomitante, entretanto, de acordo com o contexto, teremos dispositivos diferentes que serão acionados por esses poderes.

Nesse caminhar, ocorre a construção das masculinidades tóxicas, que podemos pensar como um dispositivo de controle do biopoder subjetivante e do poder disciplinar sobre o comportamento dos sujeitos. As masculinidades tóxicas remetem aos modos de ser/estar masculino de acordo com o contexto sociocultural, uma de suas características



é o distanciamento do universo feminino. Nesse pensamento, o biopoder subjetivante e o poder disciplinar acionam as normas de condutas para os sujeitos de acordo com cada contexto. Podemos pensar sobre a construção dos gêneros na perspectiva do cuidado com a saúde, diferente das meninas que, após a primeira menstruação, ou mesmo antes, existe o saber da medicina que orienta para procurar um/a ginecologista. Um saber que é construído no interior do próprio gênero, entre mulheres. Com os meninos esse cuidado é mais raro, o que pode conduzir a uma negligência com a saúde no decorrer da vida. “Os valores da cultura masculina envolvem comportamentos de risco à saúde, sendo que a forma como os homens constroem e vivenciam a sua masculinidade torna-se uma das matrizes dos modos de adoecer e morrer” (Leborato *et al*, 2013, p. 1253). A afirmação é feita por pesquisadores/as após um estudo referente ao comportamento em relação à procura pelos serviços de saúde de acordo com o gênero. “Em se tratando de cuidados com a saúde, tem-se, historicamente na visão de senso comum, que o homem é um ser forte, que dificilmente adoecer, razão pela qual a procura pelos serviços de saúde apresenta predominância feminina” (Leborato *et al*, 2013, p. 1271). A afirmação dos/as pesquisadores/as remete ao descrito por Michel Foucault (2023), que o homem é um sujeito histórico, construído através dos discursos. É esse processo de construção histórica discursiva pela qual passa os/as estudantes da escola apresentada no filme que provoca o estranhamento sobre o comportamento de Léo e Rémi. Essas formas de construção de subjetividades remetem aos modos de ser/estar masculinos voltados para as masculinidades tóxicas:

[...] percebemos as masculinidades tóxicas enquanto uma construção histórica social, que ocorre na esfera cultural, iniciada desde a infância e que se desdobram em violências contra si e contra outros/as, sendo responsável pelos altos índices de violência contra mulheres e LGBT+. Apresenta uma performance da face mais perversa do ser masculino de acordo com o contexto sociocultural (Nascimento, 2024, p. 543).

Sabemos que os sujeitos estão em permanente processo de construção. Quando pensamos nas masculinidades tóxicas, podemos supor que elas dizem de construções realizadas ao longo da vida, seguindo o enquadramento dos gêneros que preconizam o masculino como lugar da violência, do distanciamento do feminino, do medo da homossexualidade. Na infância e na adolescência, os modos de ser/estar masculinos se



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

confundem com o tornar-se homem, como se fosse possível pensar em um homem típico ou único. Anderson Ferrari e Roney Polato de Castro (2015, p. 57) apontam que “Quase sempre o pedido de ajuda para as homossexualidades se relaciona com algum tipo de discriminação, preconceito e violência vinda de meninos heterossexuais, ou que estão em processo de construção das heterossexualidades”. Os autores nos dão indícios da materialidade das masculinidades tóxicas diante da violência sofrida por meninos. Nesse pensamento, “Padrões hegemônicos de masculinidade são tanto envolvidos como contestados, à medida que as crianças crescem” (Connell; Messerschmitt, 2013, p. 253). Poderíamos pensar a materialização das masculinidades tóxicas como hegemônica nesse contexto escolar do filme?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção das masculinidades dentro da narrativa fílmica, nos oportuniza a refletir sobre os processos de subjetivação que ocorrem de acordo com cada contexto no qual os sujeitos estão inseridos. Foi possível perceber que, de acordo com esse contexto familiar, as masculinidades poderão ser construídas dentro dos afetos quando pensada para dois meninos que se conhecem desde a infância. Entretanto, no contexto escolar, a materialização das masculinidades tóxicas impede que os meninos expressem carinho entre si, rotulando-os, caso o façam, como homossexuais. Nessa perspectiva, as normas socioculturais que constroem as masculinidades tóxicas se tornam dispositivos do biopoder subjetivante e do poder disciplinar no processo de subjetivação do sujeito. Léo realiza a performatividade de gênero entendida como masculina para o contexto escolar, entretanto Rémi decide tirar a própria vida. Sabemos que o filme *Close* é uma construção ficcional, entretanto os modos de subjetivação são construídos e materializados nas/pelas narrativas das mídias. Desse modo, podemos pensar que existem espaços escolares que enquadram os sujeitos reivindicando modos de ser/estar para que possam ser aceitos, nesses ambientes?

REFERÊNCIAS



BALESTRIN, Patrícia A.; SOARES, Rosângela. “Etnografia de tela”: uma aposta metodológica. In. MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marluce A.(org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MARCELLO, Fabiana Amorin & FISCHER, Rosa Maria Bueno. Tópicos para pensar a pesquisa em cinema e educação. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 505-519, maio/ago. 2011.

CARDOSO JR., Hélio. Rebello.; NALDINHO, Thiago. Canonenco.. A amizade para Foucault: resistências criativas face ao biopoder. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 43–56, jan. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/TH8vqFDqktxKC7D8NBFL5Kg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.

CONNELL, Robert W. ; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt#>. Acesso em: 01 nov. 2023.

LEVORATO, Cleice Daiana. *et al.*. Fatores associados à procura por serviços de saúde numa perspectiva relacional de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1263–1274, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8cp6H8fy9rSpQvGG3WcYXKB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 dez.2024.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Diferenças, sexualidades e subjetividades em jogo no contexto escolar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 40, p. 56–71, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24550>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber; tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª. Ed. RJ/SP, Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel – Da Amizade Como Modo de Vida. Escola Nômada, 12 fev. 2016. Disponível em: <https://escolanomade.org/2016/02/12/599/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

NASCIMENTO, Thatiane Oliveira do. Debate teórico em torno da construção do cabra-macho e da masculinidade tóxica. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p.



524–548, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17102. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17102>. Acesso em: 14 ago. 2024.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.